

O paradigma da investigação qualitativa e a forma de garantir a validade e a fidelidade nos estudos científicos de natureza qualitativa

Julio de Fatimo Rodrigues de Melo¹

Resumo: A parte inicial desse trabalho faz uma reflexão sobre o conceito de paradigma e traça uma comparação entre os paradigmas da pesquisa quantitativa em detrimento da pesquisa qualitativa, buscando compreender o contexto de aplicação desses dois tipos de pesquisa e seu histórico. Se objetiva fazer também uma análise dos critérios específicos para aferição da qualidade científica desses tipos de estudos, bem como uma análise do paradigma da pesquisa qualitativa em educação e as formas de garantia da validade e fidelidade dos estudos de natureza interpretativa ou qualitativa.

Palavras-chave: Paradigma, investigação, positivismo, quantitativo, qualitativo, validade, fidelidade.

The paradigm of qualitative research and the way to guarantee validity and fidelity in qualitative scientific studies

Abstract: In this work we start by reflecting on the concept of paradigm, making a comparison between the paradigms of quantitative research in detriment to qualitative research, seeking to understand the context of application of these two types of research and their history. The objective is also to make an analysis of the specific criteria for assessing the scientific quality of these types of studies, as well as a reflection on the paradigm of qualitative research in education and ways of guaranteeing the validity and fidelity of studies of an interpretative or qualitative nature.

Key words: Paradigm, investigation, positivism, quantitative, qualitative, validity, fidelity.

Introdução

Em 1962 Thomas Kuhn usou pela primeira vez a palavra paradigma no livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, ele utilizou essa palavra querendo denotar uma maneira filosófica de pensar. Essa palavra tem sua origem no grego e significa padrão.

¹ Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Brasília (UnB) e Mestrado no de Ensino de Ciências, concluído em 2010 na mesma instituição. Doutorado em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa Portugal. Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Especialista em Assistência Social na SEDES (Secr. do Desenvol. Social do Distrito Federal). juliofalcaobio@gmail.com.

Segundo (MACKENZIE e KNIPE,2006) na pesquisa em educação, o termo paradigma é usado para descrever a visão de mundo de um pesquisador. Essa visão de mundo é a perspectiva, o pensamento, ou conjunto de crenças compartilhadas, que informa o significado ou a interpretação dos dados da pesquisa, ou seja, um paradigma de pesquisa reflete inerentemente as crenças do pesquisador sobre o mundo em que ele vive e deseja viver. É a lente conceitual através da qual um pesquisador olha para o mundo. Segundo Guba e Lincoln (1994) essa lente permite ao pesquisador examinar os aspectos metodológicos de seu projeto de pesquisa e como os dados serão analisados. Esses mesmos autores definem um paradigma como um conjunto básico de crenças ou visão de mundo que guia a ação de uma pesquisa ou uma investigação, essa visão conceitual é compartilhada também por Denzin e Lincoln (2000) ao comentar que paradigmas são construções humanas utilizadas pelo pesquisador, a fim de construir significados incorporados nos dados, portanto, é essencial declarar em que paradigma se localiza a pesquisa que se pretende desenvolver.

É fundamental também que todo pesquisador em educação que pretende penetrar no mundo pessoal dos sujeitos de sua pesquisa, se preocupe não só com o paradigma dos processos metodológicos, mas também com a validade e a fidelidade das informações obtidas.

Depois de definido o paradigma em que se insere a investigação do problema empírico concreto, o investigador orienta-se, agora, para a fase seguinte do processo de pesquisa, que é definir a metodologia. Existem várias maneiras diferentes de como se pode olhar para a relação entre metodologia e paradigmas filosóficos, esse artigo se concentra no paradigma da metodologia qualitativa que se relaciona com a validade e fidelidade.

O paradigma metodológico da investigação social na educação

Um grande número de paradigmas metodológicos em pesquisa social foi proposto por pesquisadores. Conflito e tensão entre diferentes escolas de ciências sociais existem há muito tempo. Candy (1989) um dos líderes no campo, sugere que todos eles podem ser agrupados em dois tipos principais: o paradigma positivista e o paradigma interpretativo, existem outras classificações.

Na abordagem positivista, o foco estava nos métodos das ciências naturais que se tornou um modelo para as ciências sociais primitivas, como a psicologia e a sociologia. Posteriormente os pesquisadores sociais enfatizaram que os seres humanos diferem do mundo material e a distinção entre seres humanos e matéria deve ser refletida nos métodos de investigação. A

pesquisa qualitativa foi criticada pelo modelo das ciências naturais. Muitos pesquisadores mantêm uma posição separatista e acreditam que as visões de mundo de pesquisadores qualitativos e quantitativos devem ser completamente incompatíveis. Alguns desses pesquisadores rejeitam uma mistura desses dois tipos de pesquisa (MURPHY & DINGWALL, 2001), outros já são favoráveis à interação entre os dois tipos (ATKINSON, 1995).

O modelo positivista

A ciência do século XIX foi influenciada pelo paradigma positivista, quantitativo, essa abordagem é baseada na crença de leis universais, na objetividade e neutralidade (THOMPSON, 1995). Os positivistas seguem a abordagem das ciências naturais, testando teorias e hipóteses. Conte (1798-1857) sugeriu que as ciências sociais deveriam proceder da mesma maneira que as ciências naturais, adotando métodos de pesquisa científica positivista. Um dos traços desse tipo de pesquisa é a busca pela objetividade e distância entre o pesquisador e os investigados, a fim de evitar vieses.

Investigadores positivistas procuravam padrões e regularidades e acreditavam que leis e regras universais ou generalidades semelhantes à lei existem para as ações humanas. Eles pensavam que as descobertas deveriam ser generalizadas para todas as situações e configurações semelhantes. Ainda hoje muitos pesquisadores acham que a medição numérica, a análise estatística e a busca de causa e efeito estão no centro de todas as pesquisas.

Na abordagem positivista, os pesquisadores controlam os quadros teórico, a estrutura da amostragem e a estrutura da pesquisa. Esse tipo de pesquisa busca relações causais e se concentra na previsão e controle. O pesquisador formula uma hipótese - um resultado esperado - e o testa. O teste permite ao cientista refutar ou falsificar as hipóteses (POPPER, 1959). Quando um caso divergente é encontrado, a hipótese pode ser classificada como falsa. O conhecimento é sempre provisório, porque novos dados recebidos podem refutá-lo. Houve críticas às ideias de Popper por exemplo, por Feyerabend (1993). O perigo dessa abordagem é que os pesquisadores tratam as percepções do mundo social como objetivas ou absolutas e negligenciam interpretações subjetivas cotidianas e o contexto da pesquisa.

Os positivistas do século XIX acreditavam que o conhecimento científico pode ser comprovado e é descoberto por métodos rigorosos de observação e experimentos e derivado através dos sentidos. Chalmers (1999) argumenta contra essa visão simplista da ciência como conhecimento derivado apenas da percepção sensorial e da experimentação, pois existem outros

tipos de conhecimento que não são passíveis de experimentação. O paradigma positivista influenciou a ciência ao longo do século XIX e até primeira metade do século XX.

O paradigma qualitativo na pesquisa social

Nos anos 60, a visão tradicional da ciência, do ponto de vista do paradigma positivista foi criticado em seus objetivos e métodos por cientistas sociais. Uma nova e diferente postura de pesquisadores argumenta a favor de uma mudança de paradigma (GUBA, 1990). O pensamento de Kuhn teve grande impacto no debate sobre os paradigmas (KUHN, 1962, 1970), a metodologia científica anterior é questionada e novas formas são adotadas.

Cientistas sociais criticam a postura positivista por sua ênfase na realidade social. No paradigma positivista o indivíduo está distante, longe da pesquisa. Opondo-se à visão do ator social como alguém que está fora do mundo social, pesquisadores qualitativos, no entanto, aceitam que existe uma realidade subjetiva com a qual o pesquisador tem que trabalhar para criar significados com o mundo social (CROTTY, 2003). Este argumento é apoiado por trabalhos de pesquisa onde fenômenos sociais e seus significados estão sendo realizados continuamente por atores sociais (BRYMAN, 2004).

Na pesquisa social qualitativa o significado é construído e não descoberto (GRAY, 2004), pois se vive em uma multi-realidade socialmente construída, e essa realidade não é única, mas multifacetada, os sujeitos constroem seu próprio significado de maneiras diferentes, mesmo em relação ao mesmo fenômeno. As realidades sociais são socialmente construídas e alteram-se cada vez que os atores mudam (ROBSON, 2002).

A metodologia qualitativa chama o participante da pesquisa para construir a realidade com a ajuda dos pesquisadores (ROBSON, 2004). Uma análise hermenêutica recomenda os pesquisadores a interpretar a visão dos participantes sobre o mundo social (BRYMAN, 2004).

(BOGDAN e BIKLEN, 1994) afirmam que a metodologia de investigação qualitativa surgiu de um campo inicialmente dominado por práticas de mensuração, elaboração de testes de hipóteses, variáveis etc., da qual “[...] alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 11). Traçando um breve histórico sobre o termo “investigação qualitativa”, esses autores informam que, embora a utilização prática da abordagem já ocorresse entre antropólogos e sociólogos a cerca de um século, até os anos de 1960 essa denominação não era empregada nas ciências sociais.

Bogdan e Biklen (1994) lembram que ainda hoje o termo qualitativo agrupa genericamente variadas estratégias de investigação que guardam entre si características comuns. Embora não tenham o mesmo significado, outros termos a ela associadas são designados como:

“interacionismo simbólico, perspectiva interior, Escola de Chicago, fenomenologia, estudo de caso, etnometodologia, ecologia e descritivo. A utilização e definição exata dessas expressões, bem como de trabalho de campo e de investigação qualitativa, têm variado ao longo do tempo e entre diferentes utilizadores”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.17).

A pesquisa qualitativa pergunta sobre a percepção das pessoas, sobre o contexto social. Investigando assuntos humanos, os pesquisadores se preocupam com os indivíduos que tornam a pesquisa qualitativa ideográfica. As metodologias qualitativas, cujo assunto são pessoas, incluem também: etnografia, estudos de caso e pesquisa bibliográfica (ROBSON, 2002). As técnicas utilizadas levam em conta a observação e as construções pessoais dos participantes (COHEN et al., 2007).

As principais características da pesquisa qualitativa são: empatia, contextualização, flexibilidade, esse tipo de pesquisa é amplamente utilizado em estudos educacionais.

Por fim, no que diz respeito à credibilidade da pesquisa qualitativa, pelo menos dois critérios são condicionais: a validade e a fidelidade (BRYMAN, 2004). Na pesquisa qualitativa, não há interpretação verdadeira, mas interpretação útil (CROTTY, 2003). De fato, na pesquisa social, é muito difícil provar a verdade (OPIE, 2004), mas é possível garantir a validade e a fidelidade.

Como garantir a validade e a fidelidade na pesquisa?

Os conceitos de validade e fidelidade típicos da pesquisa quantitativa devem ser aplicados também para a aferição da qualidade da investigação qualitativa, fato que contribuirá para refutar a má reputação que impera em torno da investigação qualitativa e que se estendeu até aos nossos dias, Coutinho (2008). No paradigma quantitativo a validade do conhecimento depende da forma como se procede a observação, diferentes observadores perante os mesmos dados devem chegar as mesmas conclusões, a replicação é garantia da objetividade, o mundo social é semelhante ao mundo físico. “Desde que os processos metodológicos tenham sido corretamente aplicados, não há por que duvidar da validade e fiabilidade da informação obtida”

(COUTINHO, 2008, p. 6). Esse paradigma de investigação enfatiza, segundo Coutinho (2008) a racionalidade, a impessoalidade, os dados devem ser objetivos, independentes do observador e do contexto.

A posição do paradigma qualitativo é da existência ontológica de múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais e socialmente localizadas, de uma forma sintética, nas palavras de Coutinho (2008) pode afirmar-se que

“o paradigma qualitativo pretende substituir as noções de explicação, previsão e controle do paradigma quantitativo pelas de compreensão, significado e ação em que se procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos”. (COUTINHO, 2008, p. 6).

Como seria de esperar, a estas duas abordagens correspondem diferentes métodos de recolha de informação: o investigador quantitativo necessita de instrumentos estruturados (como questionários ou entrevistas estruturadas) com categorias estandardizadas que permitam encaixar as respostas individuais. O investigador qualitativo ausculta as opiniões individuais (entrevista não estruturada ou livre, observação participante ou não participante) sem se preocupar em categorizar as respostas de antemão; pressupõe ser fundamental atender às características individuais dos intervenientes num programa/intervenção, porque é da forma como estes se empenham que tudo depende (COUTINHO 2008).

Essas diferenças epistemológicas vão se refletir também naturalmente na forma de garantir a qualidade científica dos resultados obtidos na investigação. Segundo (WOLCOTT, 1990; DENZIN e LINCOLN, 2000) não faz sentido considerar que, os critérios para aferição da qualidade científica dos resultados obtidos na pesquisa interpretativa possam ser os mesmos que os adotados pela pesquisa quantitativa, pois os significados no paradigma qualitativo não são mensuráveis, ou seja, não suscetíveis de uma observação rigorosa como pretendem os positivistas (COUTINHO, 2008).

Nesse sentido os pesquisadores qualitativos não mostraram qualquer preocupação em justificar e garantir o rigor na pesquisa, argumentando mesmo que a validade e a fidelidade seriam conceitos que faziam sentido na lógica do paradigma quantitativo, mas nenhum sentido na pesquisa de caráter interpretativo (ROSSMAN e WILSON, 1985; LECOMPTE, 1990; ALTHEIDE e JOHNSON, 1998; LEININGER, 1994; JANESICK, 1994). Mas como então garantir a validade e a fidelidade nesse tipo de pesquisa? como é que o investigador prova que se pode acreditar, confiar e aplicar os resultados obtidos numa pesquisa que é relativista, subjetiva, interpretativa?

Todo processo de pesquisa tem que ter valor próprio, aplicabilidade, consistência e neutralidade, de forma a ter valor científico e isso independe do paradigma, quantitativo ou qualitativo (GUBA, 1981; GUBA e LINCOLN, 1988). Nas palavras de Coutinho (2008) o rigor para se atingir a validade e a fidelidade na pesquisa qualitativa está relacionado com: credibilidade, transferibilidade, consistência, aplicabilidade, ou confirmabilidade, ou seja, a capacidade de outros investigadores confirmarem as construções do investigador (LINCOLN e GUBA, 1988).

Concluímos citando as palavras dos autores (LINCOLN e GUBA, 1991) que a transferibilidade, ou seja, a possibilidade de que os resultados obtidos num determinado contexto por uma pesquisa qualitativa possam ser aplicados noutra contexto, “deve ser a preocupação central do investigador qualitativo” (LINCOLN e GUBA, 1991, p. 298). A observação desses referenciais permite o estabelecimento de um padrão para aferição da qualidade e rigor científico dos estudos qualitativos.

Referências

- ALTHEIDE, D., JOHNSON, J.M. Collecting and Interpreting validity in qualitative research. In: N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (eds.), *Collecting and interpreting validity in qualitative materials*. Thousand Oaks, *Sage Publications*, 1998, p. 283-312.
- ATKINSON, P. *Alguns perigos de paradigmas*. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*, 5 (1) 117 , 1995.
- BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRYMAN, A. *Social Research Methods*. (2ª ed). Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CANDY, P.C. Constructivism and the study of self-direction in adult learning. *Studies in the Education of Adults*, 1989, 21(2), 95-116. <https://doi.org/10.1080/02660830.1989.11730524>
- CHALMERS, A. F. *Como se chama Ciência?* 3rd ed. Milton Keynes, Aberto Jornal universitário, 1999.
- COHEN, L., MANION, L. e MORRISON, K. *Métodos de Pesquisa em Educação*. (6ª ed.). Londres: Routledge Falmer, 2007.
- COUTINHO, C. P. *A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade*, 2008.

CROTTY, M. *Os fundamentos da pesquisa social: significado e perspectiva no processo de pesquisa*. Londres: Sage Delamont, J. Lofland & L. Lofland (Eds.), *Handbook of Ethnography* (pp. 339-351), 2003.

DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y. S. *The discipline and practice of qualitative research*. In: N.K. Denzin e Y.S. Lincoln (eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Sage Publications, p. 1-28, 2000.

ERLANDSON, D., HARRIS, E. LL, SKIPPER, B. L. e ALLEN, S. D. *Doing naturalistic inquiry: a guide to methods*, London: Sage, 1993.

FEYERABEND, P. *Against Method*, 3a ed. London, Verso, 1993.

GRAY, D.E. *Fazendo pesquisas no mundo real*. London: Sage, 2004.

GUBA, E. Criteria for assessing the trustworthiness of naturalistic inquiries. *Educational Communication and Technology Journal*, 1981, 29:75-92.

GUBA, E. *The Paradigm Dialog*, Sage, California, 1990.

GUBA, E. e LINCOLN, Y. *Competing paradigms in qualitative research*. In: N.K. Denzin e Y. Lincoln (eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Sage Publications, 1994, p. 105-117.

GUBA, E.G. e LINCOLN, Y.S. *Do inquiry paradigms imply inquiry methodologies?* In: D.M. Fetterman (ed.), *Qualitative approaches to evaluation in education: The silent scientific revolution*. London, Praeger, 1988, p. 89-115. *Handbook of qualitative research*, 3rd Ed. (pp. 105 – 117). California: Sage.

JANESICK, V.J. The dance of qualitative design. In: N.K. Denzin e Y.S. Lincoln (eds.), *Handbook of qualitative research*. London, Sage, 1994, p. 209-219.

KIVUNJA, C., & KUYINI, A. B. Understanding and applying research paradigms in educational contexts. *International Journal of Higher Education*, 2017, 6(5), 26-41.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. (1º Ed). Chicago, IL: University of Chicago Press, 1962.

LECOMPTE, M.D. Emergent paradigms – How new? How necessary? In: E. G. GUBA (ed.), *The paradigm dialogue*. Newbury Park, Sage Publications, 1990, p. 246-255.

LEININGER, M. Evaluation criteria and critique of qualitative research studies. In: J. Morse (ed.), *Critical issues in qualitative research methods*. Newbury Park, Sage Publications, 1994, p. 95-115.

LINCOLN, Y. e GUBA, E. *Naturalistic inquiry*. New York, Sage, 416 p London: Sage Publications, 1991.

MACKENZIE, N. e KNIPE, S. *Dilemas de pesquisa: paradigmas, métodos e metodologia*. Edições em Educação Research, 2006, 16, 1-15

MURPHY, E., e DINGWALL, R. The ethics of ethnography. In P. Atkinson, A. Coffey, S. Delamont, J. Lofland & L. Lofland (Eds.), *Handbook of Ethnography* (pp. 339-351). London: Sage Publications, 2001.

OLIVEIRA, A. W., e COOK, K. L. *Evolution Education and the Rise of the Creationist Movement in Brazil*. In *Evolution Education Around the Globe* (pp. 119-136). Springer, Cham, 2018.

OPIE, C. (orgs.). *Fazendo Pesquisa em Educação: Um guia para Pesquisadores iniciantes*. Londres: Sage, 2004.

POPPER, K. *A lógica da descoberta científica*. Londres, Routledge e Kegan Paul, 1959.

ROBSON, C. *Real World Research*. (2nd ed.). Oxford: Blackwell, 2002.

ROSSMAN, G.B. e WILSON, B.L. Numbers and words: Combining quantitative and qualitative methods in a single large-scale evaluation study. *Evaluation Review*, 1985, 9(5):627-643.

THOMPSON, N. *Teoria e Prática em Saúde e Assistência Social*. Milton Keynes, Open Universit, 1995.

WOLCOTT, H. *On seeking—and rejecting—validity in qualitative research*. In: E.W. Eisner e A. Peshkin (eds.), *Qualitative inquiry in education: The continuing debate*. New York, Teachers College Press, 1990, p. 121-152.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MELO, Julio de Fatimo Rodrigues de. O paradigma da investigação qualitativa e a forma de garantir a validade e a fidelidade nos estudos científicos de natureza qualitativa. Id on Line Rev.Mult.Psic., Outubro/2020, vol.14, n.52, p. 549-557. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 07/10/2020;

Aceito: 09/10/2020.